

pecial que as predisposições individuaes imprimem a cada doença; nada d'isto se explica pelos actos reflexos. Alem d'isto os phenomenos reflexos constituem um facto physiologico e pathologico tão geral, que não podem por isso servir de ponto de partida para distincções uteis.

Por tudo isto preferimos pois denominar o grupo das doenças em questão *doenças espontaneas, e doenças accidentaes* o grupo que serve de complemento aquelle, e assim ficam estabelecidas e definidas as duas grandes divisões, que adoptámos n'esta obra.

A primeira, a das *doenças agudas espontaneas*, tem de notavel que todas as doenças agudas n'ella comprehendidas formam uma lista em que se reconhece uma especie de transformação successiva de phenomenos morbidos de expressão variada e mais ou menos complexa. São doenças differentes na sua expressão symptomatica e nas manifestações anatomicas; mas cujos caracteres frequentemente se fundem, o que torna o seu estudo mais difficil. Até hoje este estudo das doenças agudas dos órgãos respiratorios tem sido incompleta, o que explica bem a difficuldade que se tem sempre encontrado em estabelecer a conexão entre os factos clinicos e as descrições classicas das doenças a que nos referimos n'esta primeira parte.

Tem-se desprezado muito com effeito, no estudo d'estas doenças um elemento pathologico fundamental, que importa tomar em grande consideração para as poder comprehender bem: é a congestão ou hyperemia pulmonar que, umas vezes, constitue por si só uma doença particular, e outras vezes é apenas a forma de varias outras.

Ver-se-ha que do estudo dos factos se comprehende naturalmente que as alterações pathologicas e as lesões podem limitar-se apenas á hyperemia pulmonar simples ou constituirem modificações mais profundas com as que caracterizam as bronchites, as pneumonias, sem comtudo a hyperemia deixar de existir e de se manifestar ao pratico: ora é precisamente esta confusão que se tem feito entre os signaes concomitantes da hyperemia e da doença principal que se deve evitar á cabeceira do doente, a fim de se poder formar idéa perfeita dos phenomenos observados.

N'este grupo pathologico referimo-nos primeiro á *congestão pulmonar, á bronhite, á pneumonia e pleuresia*, considerando-as como typos definidos por caracteres expressivos e

particulares. É necessario estudar á parte estes typos para poder avançar com segurança no conhecimento regular do grupo completo; só depois será então facil descrever os factos intermediarios ou de transição entre estas differentes expressões typicas. Estes factos intermediarios, que chamámos de transição, tomam de um ou de outro d'aquelles typos uma feição que os tornam, não typos distinctos mas affecções hybridas facéis de reconhecer, como as bronchites suffocantes, as brocho-pneumonias, as pneumonias falsas, bastardas, etc., affecções que não se podem comprehender bem senão considerando-as como doenças intermediarias aos typos, que apontámos. As denominações que lhe deram, são tambem pela maior parte viciosas ou insufficientes; por isso adoptamos as expressões *hemo-bronchites, hemo-pneumonias, broncho-pneumonias e pneumopleurizes*, que supponho traduzir de um modo mais completo e scientifico estas affecções hybridas.

Taes são as doenças agudas a tratar na primeira parte d'esta obra.

Quanto ás que devem constituir a segunda parte, e a que demos o nome de *accidentaes*, não formam um grupo tão bem caracterizado, tão coherente como as da primeira parte. Com effeito reunimos n'esta segunda parte affecções agudas ou primitivamente agudas de origem differente, que não poderam achar-se no grupo das doenças chamadas espontaneas e que muito teriamos a ganhar ficando isoladas: são antes e na maior parte, lesões accidentaes com symptomas particulares, do que doenças propriamente ditas.

Examinaremos successivamente n'esta ultima parte: 1.º, as complicações agudas do emphysema pulmonar; 2.º, a apoplexia do pulmão; 3.º, as obstrucções sanguineas da arteria pulmonar; 4.º, os infarctos do pulmão; 5.º, a gangrena pulmonar; 6.º, os accidentes resultantes de penetração de corpos estranhos nos bronchios; 7.º, as perforações do pulmão.

## ZOOLOGIA MEDICA

### AS FILARIAS

A *filaria de Medina*, ou o verme de Guiné, é um nematoide, de que ha alguns exemplares, no museu da escola medica de Lisboa, extrahidos de individuos que estiveram na Africa.

Este parasita, que habita no tecido cellular subcutaneo, onde determina phlegmões mais ou menos graves, é viviparo e até hoje ainda se não encontrou

o macho. Uma só filaria encerra muitos milhares de embriões.

Van Beneden, Carter e H. Charlton Bastiam admittem que as larvas d'estes animaes vivem na terra, e, que é penetrando na pelle, que se desenvolvem ulteriormente, chegando a adquirir as dimensões consideraveis que todos conhecem.

Esta opinião é confirmada pelo facto de ser nos pés e nas pernas, que estes animaes apparecem, e muitas vezes os individuos atacados por este parasita, se lembram de terem andado descalços sobre a terra, antes do apparecimento do phlegmão.

E pois summamente provavel que a filaria viva um certo tempo como nematoide livre e outro tempo como parasita. Carter suppõe que, no estado livre, é o *urotabes palustris*, em quanto que H. Charlton Bastiam admittê que, no mesmo estado, deve ser uma *anguillulida*.

A multiplicação d'este animal, no estado de filaria, faz-se certamente por um processo de *agamogenesia*, e por isso se não tem visto machos, ou, fallando mais correctamente, não se tem percebido a existencia de sexos.

Além da filaria de Medina, ha mais tres filarias parasitas do homem, a *filaria sub-conjunctival* ou *filaria oculi*, a *filaria lentis*, e a *filaria bronchialis* ou *filaria lymphatica*.

A filaria subconjunctival observa-se na costa occidental d'Africa e particularmente no Congo.

Modernamente tem sido observada por Guyot, Guyon, Lestrille, Sigand, Christovão José dos Santos (Rio de Janeiro) e outros.

Guyon observou dois casos, um em 1838, e o outro em 1864; o primeiro era muito notavel por certas particularidades. A enferma era uma preta proveniente da costa d'Africa. As vezes, em cada olho, debaixo da conjunctiva, havia uma filaria, mas estes parasitas passavam com a maior rapidez de um para outro olho, de maneira que muitas vezes as duas filarias estavam reunidas no mesmo globo ocular: a passagem realisava-se por baixo da pelle, que cobria a raiz do nariz.

As filarias subconjunctivales do primeiro caso, referido por Guyon, tinham 3 a 4 centímetros, em quanto que a do segundo, extrahida do olho de um preto de Guiné, attingia o comprimento de 15 centímetros.

No Congo chama-se *loa* a este parasita; segundo refere Guyot.

A filaria de Medina já foi mencionada por Plutarco, Rhases e Albuacasis ou Alsharavins, mas a filaria subconjunctival é conhecida ha muito menos tempo.

Guyon diz que o primeiro documento, que ha a este respeito, provem dos ultimos annos do seculo XVI.

Pareceu-me que poderia haver para nós algum interesse em decidir este ponto historico, visto serem os portuguezes que descobriram a parte da Africa onde este verme habita, terem sempre mantido relações com os naturaes d'estas regiões e possuirem ainda hoje abí vastissimas colonias.

Guyon, na sua communicação feita à Academia das Sciencias de Paris, em 7 de Novembro de 1864, exprime-se do seguinte modo:

« Nos documents sur le filaire sous-conjunctival admettant qu'il dière du premier, le filaire de Médine, ne remonte pas aussi haut: le premier que nous possédions ne remonte qu'aux dernière années da XVI siècle. C'est un tableau intercalé dans un

description du ver di Médine (*Descriptio morbi verminantis*); qui se trouve dans la relation d'un voyage au Congo et autres lieux d'Afrique occidentale, publié à Francfort en 1598 le tableau représente, savoir:

« 1.º Au centre, trois individus debout, vus par derrière, nus et présentant sans doute de ces nodosités que déterminent, à leur approche des teguments, les vers venus pour s'y frayer un passage, ce qui, toutefois, ne se distingue pas bien clairement, à raison de la petitesse des figures et de l'imperfection du dessin;

« 2.º Sur la gauche, un homme assis et présentant, sur la face antérieure de la jambe droite, une portion de ver roulée sur un bâtonnet, et appendant sur le membre par une autre portion de ver encore engagée dans la plaie. Le même individu, de sa main droite, roule sur un autre bâtonnet, en le protégeant de sa main gauche, un ver sortant de la partie inférieure et interne de la cuisse du même côté;

« 3.º Sur la droite, un homme également assis, la tête portée en arrière et soutenue par deux aides debout; elle est légèrement inclinée sur le côté gauche, présentant l'opérateur également debout, ayant la main droite manie d'un instrument dirigé sur l'œil, comme pour l'opération de la cataracte; sa main gauche est passée sous la bras droit du patient. Derrière le groupe est un individu qui paraît être un chef présidant à l'opération. Debout, comme l'opérateur et les aides il tient à la main droite un bâton dont l'extrémité, terminée en fer de lance, est élevée au dessus du groupe et semble le protéger. »

Guyon faz-nos, pois, conhecer os nomes dos editores e do traductor, as linguas em que a obra foi escripta, a data e o lugar onde foi publicada: só falta saber o nome do auctor da descoberta.

A obra que os irmãos de Bry publicaram em latim tem o seguinte titulo: *Vera descriptio regni africani, quod tam ab incolis quam Lusitanis Congos appellatur. Per Philippum Pigafettam, olim ex Edoardi Lopes acroamatis lingua Italica excerpta; nunc Latino sermone donata August. Cassiod. Reimio.*

A edição italiana apresenta o seguinte titulo: « *Relatione del reame di Congo e delle circonvicine contrade, tratta dalli scritte ragionamenti di Odari do Lopes, portoghese.* » Roma, 1591.

Pigafetta foi um uero traductor, como elle proprio confessa, n'uma introdução, que foi supprimida na tradução latina. Pigafetta diz que « il Portoghese porgeva a me questa relatione in suo idioma, e io della viva voce di lui nel medesimo tempo la trasportava nel nostro: onde non é maraviglia, se tal'hor 'occorre alcun senso nelle parole non così domestico al volgo degli scrittori della nostra lingua, percheo seguendo il suo dettare, che fu e interreto e non popolesco, sono per aventura trascorso inqualche detto non così dalla Corte usitato »

Como se vê, por esta citação, Duarte Lopes ditava em portuguez, Pigafetta traduzia em italiano e escrevia immediatamente. Logo todo o merito, que possa haver na descripção, deve pertencer ao portuguez, que esteve 12 annos na costa d'Africa, e não ao italiano, que escreveu o que lhe ditaram.

Parecia pois fóra de duvida que a honra da descoberta da filaria sub-conjunctival pertencia a Duarte Lopes, natural de Benavente, e que, como refere Barbosa, na sua *Bibliotheca Lusitana*, partiu para Loanda em 1578.

Infelizmente não se pôde reivindicar esta honra

ao nosso conferranco porque, na edição italiana, não se vê nem a *descriptio morbi verminantis*, nem a estampa, a que Guyon se refere. E não é deficiência dos exemplares, que existem em Lisboa, na biblioteca da Academia das Sciencias e na de S. Francisco porque estas obras estão completas, e porque Camus, na sua memoria sobre a collecção das grandes e pequenas viagens, mencionando todas as estampas da edição latina, não allude áquella a que se refere o sabio francez.

A estampa mencionada por Guyon pertence a uma obra de *Huygen van Linschoten*, que partiu de Lisboa, ao serviço de Portugal, em 1584. Esta obra foi primeiro publicada em hollandez, e depois traduzida em allemão, latim, inglez e francez. A edição latina foi publicada pelos irmãos de Bry e intitulou-se: *Navigatio in Orientem, item regna, littora, portus, flumina, apparentiae, habitus moresque Indorum et Lusitanorum pariter in Oriente de gentibus: preterea merces, monetæ, mensuræ et pondera, quæ quibus in locis quove compendio prostant. accurate proponuntur.*

Os vermes, que se representam na estampa, são filarias encontradas em Ormuz, e não no Congo, como se pôde ver pela seguinte citação:

« *Est in insula Armusio morbus epidemicus seu popularis, vermes praelongos in cruribus generari, quos ex aque potu causari existimant.* Cura istorum verminis hæc est, ut quotidie portioneula vermiculi ex crure extrahatur super culinum aut pennam conglomeranda quaque vice, idque tantum tentandum, quam diu vermiculus trahentem sponte sequitur, ubi sequi incipit ægrius, abstinendum usque in alterum diem, vulnus probe obligandum, uncto foramine seu ulcere butyro recenti non salito: hoc modo intra dies decem duodecimve, vermiculum omnem paulatim extrahunt, qui ad instar fidei instrumentalis musteæ testudine aptandæ extenditur, saepiusque in passus duos tresve atque eo amplius porrigitur continuo ductu: ita curati absque ullo incommodo facile restantur; durante tamen curationis tempore patientes cruribus oportet quiescere, si enim vermiculi ex parte rupti fuerint, non nisi maxima molestia denno apprehendi sunt, uti aliquoties factum vidi. »

Na margem do livro, em referencia ao texto, lê-se *Vermicule in cruribus quatuor ulnarum.*

É portanto evidente que Huygen van Linschoten se referia ás filarias de Medina, que encontraram em Ormuz, mas que já antes d'elle tinham sido descritas pelos medicos arabes, e já Platarco conhecia a sua existencia nos costas do Mar Vermelho.

No crystallino de individuos com cataractas tem se encontrado filarias; o primeiro caso foi observado por Graefe, que remetteu o parasita a Nordmann, que o estudou e classificou.

A filaria bronchialis ou lymphatica foi encontrada por Treutler nos ganglios lymphaticos de um tísico.

Os francezes chamavam antigamente á filaria de Medina—*dragonneau* (*dracunculo*); mas hoje dão esse nome a um outro nematoide, que vive alternadamente livre e parasita: é o chamado *gordius aqueticus*.

Silva Amado.

(Correio Medico de Lisboa).

## BIOGRAPHIA

O DR. CANDIDO BORGES MONTEIRO

(VISCONDE DE ITAUNA)

Pelo Dr. Benjamin F. Romiz Galvão

Lida na sessão de 15 de Dezembro findo no Instituto historico geographico brasileiro

O Dr. Candido Borges Monteiro figurou entre os mais habéis cirurgieos da côrte, e ganhou nas lutas do magisterio uma nomeada que ainda os annos não apagarão, nem os vaivens da politica fizeram esquecer.

Filho do capitão de milicias José Borges Monteiro e de D. Gertrudes Maria da Conceição, e nascido nesta cidade do Rio de Janeiro em 19 de Outubro de 1812, seus pais o destinarão, e pretenderão até coagi-lo, a seguir a vida commercial. Não se imaginará facilmente a insistencia de paes pobres e illiteratos, que de uma parte não crêm firmemente na excellencia da carreira das letras, e de outra se vêm inhabilitados de recursos para sustentar o academico por espaço de longos annos improductivos nos lyceus e nas escolas. Mas quem pôde, senhores, desviar o sol de sua carreira, ou obrigar a planta a vegetar sobre as aridas encostas do rochedo! O sol rompe as nuvens que o toldão e illumina o mundo: a planta estende-se em raizes que vão buscar na lymphá o sustento e a vida, e se desabotão em flores ricas de perfumes e de viço.

Candido Borges tolerava os rigores da posição de caixeiro, mas furtava horas ao descanso e ao somno para alimentar o espirito e preparar-se nos estudos que devião abrir-lhe as portas da academia.

Como era bella esta peleja das necessidades urgentes da vida com as nobilissimas aspirações de uma alma sonhadora e digna de seus elevados destinos! O presente o jungia ao carro da obscuridade, o futuro abria-lhe ao longe de par em par as portas do Capitolio, e arroubado nestas visões o menino-homem atirava-se á mesa do estudo sem tregóas, sem descanso e sem outro allivio que não fossem as doçuras da mesma sciencia. Como era bello e admiravel este combate. De um lado o ouro, do outro um livro; aqui as seducções da opulencia, alli as amarguras de um sacerdoeio; e o menino-homem abraçava em delirio as parnas do livro, calcando aos pés o symbolo riqueza e dos prazeres. Dir-se-hia Hippocrates despedindo os thesouros de Artaxerxes em